

# PERSONAGENS TRAVESTIS, EXÍLIO E SUBALTERNIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA

Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes  
Doutorando em Letras – UFPB e Professor - UFRPE  
carloveduardoufpb@gmail.com

Liane Schneider  
Doutora em Letras – UFSC e Professora – UFPB

## RESUMO

O presente trabalho discute a condição de exílio na construção de personagens travestis na literatura brasileira do século XX. Para tanto, tomamos por base a relação entre exílio e literatura postulada pelo crítico Edward Said (2003) e do sujeito subalterno de Spivak (2010) e seu espaço de “fala” na literatura. Faremos menção a alguns contos e romances brasileiros do século XX, a fim de ilustrar a problematização que destacaremos, sendo que tal seleção teve por base narrativas que claramente apresentam como protagonistas sujeitos travestis. O objetivo é, a partir da discussão dessas obras, chegar a um argumento crítico sobre a recorrente situação de exílio das protagonistas travestis na literatura brasileira, corroborando uma possível relação de mimetização ou de realismo nessa faceta da literatura homoerótica com o que se verifica no âmbito de sociedades patriarcais e heteronormativas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Personagens travestis; discriminação; literatura brasileira; realismo.

## ABSTRACT

This article analyses different conditions of exile attached to fictional travesties characters in Brazilian 20th century literature. We approach the relation between exile and literature as presented by Edward Said (2003) and the subaltern subject by Spivak (2010) and its voice in the literature. We bring to light several Brazilian novels and short stories in which the protagonist is a travesty as a possibility of discussing our theoretical foundation in more practical, illustrative ways. Our intention is to analyse these narratives, trying to verify if there is (or not) a mimetic relation between such literature and the experience faced by homoerotic individuals inside heteronormative societies.

**KEYWORDS:** Travesties characters; discrimination; Brazilian literature, realism.

## INTRODUÇÃO: PROBLEMATIZANDO AS RELAÇÕES ENTRE EXÍLIO, SUBALTERNIDADE E TRAVESTIS NA CULTURA E LITERATURA BRASILEIRAS

Grupos não-hegemônicos quase sempre foram expostos ou sujeitos a situações pouco favoráveis dentro do contexto social em que convivem com a parcela da sociedade dominante, por diversos motivos habilitada a impor aos seus outros, posições de marginalidade e de isolamento. Não é novidade que questões de raça, etnia, gênero, sexualidade, religiosidade e questões relacionadas a crenças, costumes, cultura, enfim, tenham causado segregação entre homens e mulheres devido à dificuldade de aceitação das diferenças e de compreensão da alteridade como uma característica humana. Dos leprosos bíblicos ao antissemitismo nazista muitas foram as estratégias de coação e de segregação contra aqueles que ousaram divergir da norma.

Entre as chamadas minorias segregadas, nenhuma, talvez, tenha experimentado tanto o rechaço cultural e a violência simbólica (BOURDIEU, 2007), como também a violência física, quanto aquela formada por homens e mulheres que perturbaram as fronteiras de gênero travestindo-se, no intuito de construir uma identidade outra ou de viver uma subjetividade diferente da considerada “normal” nos termos binários que regem o campo da sexualidade na maior parte das sociedades ocidentais. Como minoria, as travestis experienciam uma espécie de exílio e subalternidade, algo bastante recorrente tanto no mundo real como na ficção, questões sobre as quais nos debruçaremos em seguida.

As travestis são concebidas aqui, socialmente, como sujeitos que foram considerados homens ao nascer, mas burlaram essa consideração, forjando uma identidade de gênero ambígua entre os polos masculino e feminino, e, literariamente, como personagens de ficção que têm sua trajetória ao longo da narrativa marcada por um período no qual a identidade

sexual e de gênero foi masculina, ou seja, são inicialmente personagens-homens, que, no entanto, passam pela transformação no que se refere à exposição corporal, através da vestimenta e outras tecnologias do corpo, vindo a tornarem-se personagens-travestis, com corpos construídos a partir da aparência feminina para constituir uma nova identidade de gênero.

Embora em pequena proporção, as travestis encontram um “lugar” na produção literária brasileira – seja como personagens de romances, novelas e contos, seja como elemento relevante em poemas e letras de canções – motivando discussões, como a que ora propomos, que buscam investigar quais os fatores determinantes na maneira como as personagens travestis foram configuradas, como as ideologias machistas se perpetuam na cristalização de preconceitos incrustados na criação dessas personagens e também quais as saídas e subversões que essas promovem na barreira discursiva que insiste em tornar o tema tabu e nefando.

A literatura homoerótica<sup>i</sup> no Brasil, segundo Silva (2010) e Fernandes (2015), tem mantido uma relação de proximidade estilística com o Realismo do século XIX e com a Geração de 30 do século XX, quando o Regionalismo, apoderando-se de uma vertente Neo-realista, problematizou os conflitos do povo nordestino principalmente. É preciso contextualizar que a definição de literatura homoerótica que adotamos aqui é a de textos literários que centralizam a temática da diversidade sexual, nas mais variadas facetas, incluindo a manifestação das travestilidades<sup>ii</sup> como subjetividade associada ao rol das múltiplas experiências de modos de vida homoeróticos.

Talvez por essa perspectiva (neo)realista, as narrativas brasileiras que possuem protagonistas travestis têm representado muitos dos conflitos vividos por esses sujeitos na

“vida real”, como a violência e a discriminação, os espancamentos por parte de terceiros que não aceitam as transformações de seus corpos.

A proposta desse artigo objetiva analisar a condição de exílio e de subalternidade de sujeitos ficcionais travestis na literatura brasileira do século XX, a partir de um recorte de narrativas em que tais personagens aparecem e refletir sobre ou, nos termos de Spivak (2010), “medir os silêncios”, evidenciar a “obscuridade” a que essas personagens estão submetidas.

Ao estabelecer esse objetivo, não poderíamos deixar de mencionar a relação entre exílio e literatura postulada pelo crítico Edward Said (2003), segundo o qual o exílio é uma das experiências mais angustiantes representadas poeticamente, sendo geralmente caracterizado por um desprendimento forçado de um sujeito de sua pátria/local/cultura de origem para outra estranha, seja como forma sobrevivência, seja como forma de buscar por diferentes oportunidades de vida; o exílio, nas palavras dele, é uma “fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar.” (SAID, 2003, p. 45). Entendemos que essa “fratura”, esse corte metaforicamente mencionado como uma separação consiste não só num deslocamento geográfico, mas em um desprendimento da família, dos valores locais e até mesmo de seu próprio “eu”.

É importante ressaltar que, na história do Brasil, foi constante o exílio de sujeitos travestis de suas cidades ou de seus lares, são recorrentes os relatos de casos problemáticos das travestis com suas famílias, expulsões de casa, fugas e abusos ou rejeição por parte de pais e parentes. No início do século XX, conforme Green (2000, p. 171), “O uso expressamente feminino de roupas, maquiagem e sobrancelhas tiradas e os apelidos não-masculinos eram comuns entre os bichas dos anos 30”. O historiador ainda cita muitas personalidades que possuíam tal hábito e que sofreram as consequências de chocar a

sociedade com sua aparência: ou eram presos, uma vez que “até 1940 o travestismo em público constituía uma violação do Código Penal” (GREEN, 2000, p. 172), ou eram internados em alguma instituição para doentes mentais. Assim, do ponto de vista histórico, a discriminação social ocasionada pela determinação das normas binárias de gênero e de sexualidade gerou exílio para todos e todas que tentaram escapar dessa ordem. E uma das tentativas de escapar dessa opressão foi a migração de sujeitos travestis para grandes centros urbanos do Brasil ou mesmo do exterior.

Segundo os antropólogos Kulick (2008), Silva (2007), Pelúcio (2009) e Benedetti (2007), em etnografias sobre a experiência da travestilidade<sup>iii</sup> no Brasil, as identidades transgênero são manifestações típicas do ambiente urbano, onde se acredita haver uma permissividade para vivência das sexualidades excêntricas. Essa afirmação corrobora o argumento de Eribon (2008, p. 37) de que “A cidade é, antes de tudo, uma maneira de escapar tanto quanto possível ao horizonte da injúria na medida em que este significa a impossibilidade de viver a homossexualidade sem ter de dissimulá-la permanentemente.” O espaço urbano parece ser, portanto, o refúgio para sujeitos gays, lésbicas e travestis em busca de maior liberdade social quanto à manifestação dos próprios desejos.

O fluxo migratório de travestis para grandes centros urbanos é registrado em todas as etnografias citadas. O que nos indica uma profunda experiência de exílio vivida pelos sujeitos travestis, aspecto este que é plasmado de modo muito sensível na literatura, como mostraremos logo mais. Porém, antes de migrarem para grande centros urbanos, durante sua infância e adolescência sujeitos homoeróticos que marcam seus trejeitos pela efeminação e pelo desejo de trânsito de gênero experimentam duras penas no seio familiar e comumente são expulsos da casa de seus pais ou parentes, como endossa Pelúcio (2009, p. 70): “Quando as travestis “se assumem”, o espaço doméstico da família, via de regra, se

torna insustentável. Perde seu caráter de acolhimento e proteção, passa a ser ameaçador”. Os conflitos entre a postura tradicional das famílias e o comportamento afeminado fazem com que esses meninos, possivelmente futuras travestis, experimentem uma profunda dor e estigma, segundo Pelúcio (2009). A rua passa a ser o ambiente de moradia desses jovens cujas narrativas, colhidas pelos antropólogos citados, revelam profundo sentimento, como afirma Said (2003, p. 46), “de perda de algo deixado para trás para sempre”.

É curioso perceber que a condição sociocultural das travestis pode ter uma relação com a noção de subalternidade apontada por Spivak (2010), quando esta se refere à condição da mulher subalterna. Segundo Spivak (2010) o sujeito subalterno é aquele pertencente aos grupos dominados e marginalizados que dificilmente tem direito à fala, numa visão pós-colonial e feminista: “Se num contexto de produção colonial, o subalterno carece de história e não pode falar, o subalterno feminino está muito mais numa situação ruim. [...] Ademais, o fato de ser pobre, negra e mulher merece um triplo castigo” (Spivak, 2010, p, 76). A reflexão da crítica indiana elucida a ausência de uma história escrita pelos subalternos, indicando uma obscuridade social, econômica e cultural dos povos subalternos devido aos efeitos marginalizadores das colonizações, sendo aí sugerida também uma relação perversa entre níveis de preconceito sobrepostos - de raça, de sexo e social.

Assim como o sujeito exilado, o sujeito subalterno sofre pela opressão e impedimento de desfrutar de direitos e acessos devido a imposições de um sistema político, cultural vigente que os exclui. Se levarmos em conta que as relações de gênero e de sexualidade criam identidades de gênero e corpos subalternos por não se enquadrarem nas normas binárias de “homem” e “mulher”, “heterossexuais”, “reprodutores”, as travestis encontram-se em posição deveras subalterna.

Spivak (1994) reivindica, inclusive, a recuperação de vozes suprimidas e obliteradas dos subalternos, uma vez que a alteridade deve ser reclamada para que histórias alternativas sejam contadas e os silêncios minimizados no âmbito da cultura. É o que tentamos também evidenciar por meio desta discussão: trazer à tona as personagens travestis de nossa literatura, analisando seus modos de construção ficcional e as relações ideológicas assim instauradas.

Dessa maneira, parece ser bastante produtiva a análise da relação estabelecida entre a experiência da travestilidade e a do exílio na cultura brasileira, de modo que se acreditamos que a literatura que tematiza a diversidade sexual tem plasmado aspectos da realidade na construção das personagens que materializam sujeitos considerados fora da ordem, como as travestis, sendo compreensível que essa relação entre a identidade travesti e seu isolamento ou exílio seja analisada.

Said (2003) se refere à relação entre exílio e literatura com ênfase direta à autoria; isto é, a literatura de exílio, ou a literatura de exilados, é composta por textos produzidos por escritores em tal situação (ou profundamente marcados por esse aspecto), o que é verificável numa escrita que frequentemente expõe imagens de subjetividades magoadas, perdidas, inconformadas pela separação com seu elo cultural e familiar de origem. Ressalvamos que, no caso das obras a que fazemos referência, o exílio e a travestilidade são temas da construção dos textos, são marcas dos fatos narrados na “vida” das personagens travestis, conforme veremos adiante.

## A MEMÓRIA E AS PERSONAGENS TRAVESTIS: EXÍLIO E ABJEÇÃO

Dentre as obras literárias que encontramos no cenário nacional e que tratam de tal temática específica, “A grande atração”, de Raimundo Magalhães Jr., publicado em 1936 é o primeiro conto brasileiro, segundo nossas pesquisas bibliográficas e experiência de leitura, que traz em seu enredo uma protagonista travesti. Em seu conto, Magalhães Jr. problematiza os conflitos do protagonista Luigi Bianchi, que apesar do nome masculino, “Tudo nêle era feminino. A voz, os gestos [...]” (Magalhães Jr., 1967, p. 206), inclusive a forma de se vestir e as performances de cantora, sendo soprano lírico e adestradora de cães em um circo decadente.

A ida de Bianchi ao circo é, em si, uma experiência de exílio. O narrador explica que ele estudara em Milão e sonhava em ocupar a posição de soprano em alguma companhia de ópera:

Mas nas óperas quase só havia papéis de tenor, de barítono e de baixo. Só no “Orfeu”, de Gluck, havia um bom papel masculino, mas para contralto, sempre representado por mulheres. [Bianchi] Quis interpretá-lo. Não lhe deram o papel. E o professor declarou:

– Isso seria uma confissão vergonhosa para você... Mude de vida... Pode ser que um dia venha a ser tenor...

Bianchi, porém, preferiu o travesti. Andou primeiro na varieté. Depois no circo. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1967, p. 207-208).

A ideia de fracasso se torna evidente pelo sonho frustrado de Bianchi, causado pela ordem rígida dos papéis de gênero em uma sociedade patriarcal. A organização de uma ópera, como a sociedade, também impõe limites baseados na identidade sexual dos indivíduos, de acordo com suas vozes. Assim, contralto e soprano são vozes femininas e, portanto, exclusivamente mulheres deviam executar esses papéis, por supostamente possuírem vozes suaves, agudas, como era a de Bianchi. Este, por ser homem, tinha como opções cantar como baixo, barítono ou tenor. Contudo, o protagonista não se “enquadra”

em nenhum dos “moldes pré-estabelecidos” dos papéis musicais para as vozes de homens e mulheres: era homem, mas sua voz e seu agir eram femininos e, por isso, o rejeitaram, por ser estranho e, portanto, destinado à exclusão naquele contexto de rígidas normas quanto às posições de sujeitos e de suas identidades de gênero, interferindo na identidade profissional. Vale mencionar que esse lugar no mundo do canto foi historicamente e mundialmente um espaço ocupado por alguns poucos homens com habilidades vocais diferenciadas, como qualquer história da arte e música nos confirma.

O exílio de Bianchi para o circo é forçado pela ausência de oportunidades de realização de seu desejo. Como sujeito interdito, ele prefere burlar a ordem e manter-se no palco do que adequar-se à voz e ao corpo imposto a ele.

Outro texto literário que exemplifica de forma bastante evidente essa relação entre travestilidade e exílio é o conto “Ruiva”, publicado em 1978, de Julio César Monteiro Martins (2007), no qual a personagem Juarez, morador da cidade de Montes Claros, no estado de Minas Gerais, viaja para São Paulo (capital) com o intuito de transformar-se em Gina, travesti de peruca ruiva sonhadora de um mundo sem desigualdade e preconceitos. E esse fluxo de migração de personagens travestis verificados nos dois contos citados é bastante comum nas narrativas brasileiras - elas migram porque não encontram lugar em sua cidade natal, onde são alvos de preconceitos e violências, como afirma Juarez/Gina a uma senhora, personagem secundária do conto:

– Não que eu tenha nascido mulher totalmente, – dizia ele à assustada senhora que viajava ao seu lado no ônibus [...] – mas homem eu sei que não nasci. Sou essa coisa assim... esquisita. Uma criação toda especial da natureza . A senhora entende? Por isso é que eu vou pra São Paulo. Lá eu posso assumir a minha realidade. Em Montes Claros nunca deixaram eu ser eu mesma. Chegavam até a reunir grupinho pra me dar surra na rua. Desculpe eu falar, que eu sei que a senhora é de lá, mas é tudo capiau bronco, que não tem respeito pelo ser humano. (MARTINS, 2007, p. 241).

A fala da personagem denuncia as agressões sofridas por ela e, ao mesmo tempo, apresenta, de modo bastante positivo, se pensarmos na aceitação da mesma em relação a sua travestilidade, o posicionamento dela em relação a sua identidade de gênero fora do padrão: nem nasceu mulher, nem homem, é uma “criação toda especial da natureza”, subvertendo a ordem binária de sexo-gênero. Infelizmente, Gina descobre que a cidade grande também é repleta violências e discriminações e a obra literária funciona também como um modo de sensibilizar o leitor para as dificuldades vividas pelas travestis, seja em municípios de pequeno ou grande porte.

A obra possui características peculiares que a tornam criativa e verossímil, com marcas de oralidade nas falas dos sujeitos ficcionais e as reações da personagem principal em vista dos acontecimentos da fábula. Gina, exilada de sua cidade interiorana, busca uma realidade utópica na capital paulista para com a aceitação de sua identidade de gênero; contudo, acaba decepcionada com o que vivencia e volta para o interior de Minas. No desfecho do conto, Gina suspira: “Ai, como é difícil viver nessa vida invertida! (MARTINS, 2007, p. 254) [...] Só Deus sabe como estou sofrendo com tanta desumanidade. (p. 255)”. Por meio dessa trajetória de Juarez, que se transforma em Gina para ganhar a noite na Boca do lixo paulistana, o narrador denuncia degradantes condições de vida das travestis e a impossibilidade de Gina encontrar lugar para si no meio social, mesmo migrando para um grande centro urbano e tentando agrupar-se com as demais travestis.

Green (2000) apresenta uma estatística que registra um aumento de mais 157% da população no Rio de Janeiro entre 1900 e 1940, enquanto nesse mesmo período, em São Paulo, o crescimento foi de aproximadamente 272%, em número de pessoas. Pelo que foi documentado à época, os dois municípios tiveram ao todo 2.159.017 moradores a mais em quarenta anos. (GREEN, 2000, p. 125). Mas, ainda assim, a população brasileira até 1950

vivia predominante na zona rural. Nas décadas de 1960 e 1970 é que ocorreu o maior índice de êxodo rural e também de migrações para a região Sudeste. Em 1960, era a única região a possuir mais da metade de seus habitantes vivendo na zona urbana (57%), o que se elevou para 72% na década de 1970. Essa fase de desenvolvimento urbano, principalmente das duas maiores cidades do Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo), possibilitou os registros de modos de vida homoeróticos e de travestilidade, que passaram a ser mais recorrentes e evidentes nesses espaços urbanos pós 1960.

É interessante perceber que as obras literárias repetem esse movimento, esse trânsito migratório das personagens travestis, como ocorre com Gina e com outras, como é o caso da personagem Joselin, da novela “O milagre”, de Roberto Freire, publicado em 1978. Nessa narrativa, Joselin, personagem travesti que vivia na cidade de Ponte Alta, no estado de Santa Catarina, migra, assim como Juarez, para São Paulo. O motivo foram “tortura e humilhação em Ponte Alta” (FREIRE, 1978, p.18). Os conflitos com os seus familiares e com os moradores de sua cidade se tornaram incontornáveis, de modo que ele/ela se muda para a capital paulista onde passa a se prostituir para poder manter-se financeiramente, outro aspecto bastante recorrente nos relatos das travestis que participaram das etnografias consultadas.

Como mencionamos anteriormente, a relação de perda e separação do lar/família é também um modo de se pensar o exílio, mesmo que vivendo na mesma cidade de sempre. Essa história de vida se repete bastante na condição sociocultural de travestis brasileiras, conforme apontam Kulick (2008), Silva (2007), Pelúcio (2009) e Benedetti (2007). É o que ocorre, por exemplo, no romance *Uma mulher diferente*, de Cassandra Rios, publicado pela primeira vez em 1965, sendo logo depois censurado pelo regime militar. Nele, o leitor é levado, numa narrativa policial, a conhecer e desvendar a vida de Ana Maria, que tinha por

nome de registro Sergus Walleresttein, mas que transformara seu corpo, tornando-se uma linda e sedutora travesti loura, dançarina de boates da noite paulistana. O romance se inicia já com a informação de que Ana Maria está morta e sua vida é revelada por meio das investigações do personagem Dalton Levi.

A família de Ana Maria é representada apenas pela presença na obra de sua irmã, Madga Walleresttein, descoberta por meio das cartas encontradas pelo detetive ao invadir a casa da travesti. Os pais de Ana Maria (Sergus) e Magda sequer são mencionados, porém a relação entre os irmãos nos permite tecer algumas considerações, conforme depoimento dela a Dalton:

[...] Por que, morando na mesma cidade, me limitava a escrever, não é isso? Muito bem, porque não entendia... não entendia a espécie de vida que meu irmão levava. Não podia aceitar aquilo. Li muito a respeito. Na família dos outros é fácil entender, mas, quando se trata do próprio irmão... bem... a coisa muda de figura... Entretanto, meu irmão sempre foi muito meigo... Ficou corada quando disse isso, pois fazia parte das características do homossexual. [...] Creio que sofreu algum distúrbio psíquico; quis, a princípio, ajudá-lo. Levei-o a médicos, mas de nada adiantou... Tudo se acentuava mais, até que tivemos que nos separar... [...] Então, fizemos de conta que morávamos em cidades distantes, e escrevíamos... [...] Como disse, tenho vivido afastada dele, como se morássemos em cidades distantes. Das cartas que escrevi para ele, a maioria não foi respondida, e as que respondeu só falavam de saudade, que ia mudar de vida, que, um dia, poderia vir visitar-me sem que eu me envergonhasse dele. Outras vezes, que eu precisava ser mais moderna e aceitar isso como algo inevitável. (RIOS, 2005, p. 93.)

Apesar de considerar vergonhosa a travestilidade do membro familiar, a personagem demonstra estar sofrendo pela perda (“Estava com os olhos vermelhos e procurava disfarçar a palidez do rosto com pó-de-arroz. Era evidente que chorava muito.” (RIOS, 2005, p. 92). Fica claro pela fala de Magda a não-aceitação da condição de Ana/Sergus, inclusive porque, todo o tempo, ela se refere a ela apenas no masculino, sem considerar a transformação operada em sua vida. A posição da irmã ainda reflete o estereótipo de que o sujeito travesti é “muito meigo”, bem como a visão médico-científica de patologização das “homossexualidades”, a partir do século XIX.

A separação familiar também é repetida no romance *Georgette*, de 1956, também de Cassandra Rios. Roberto sai de casa justamente para transformar-se na travesti Georgette, e nunca mais retorna, uma vez que comete suicídio anos depois de sua transformação. Portanto, pelos exemplos literários que expusemos acima, fica evidente o isolamento a que, tanto social quanto narrativamente, os indivíduos marcados pela travestilidade eram (e são) expostos.

Spivak (2010), ao comentar sobre o papel do suicídio, no que se refere aos sujeitos subalternos indianos, afirma que culturalmente, apesar de ser repreensível, em determinados contextos, o “sujeito compreende a insubstancialidade [...] de sua identidade” (p. 99) e comete suicídio como forma de admissão da própria subalternidade e de que não há mais sentido no corpo sociocultural no qual está inserido, uma forma evidente de abjeção, no dizer de Butler (2013).

O exílio da família, a incompreensão dos mais próximos, é experimentada pelas pessoas e pelas personagens travestis de forma que a existência delas passa a ser vista como abjeta ou como “corpos que não importam”, segundo Butler (2013), uma vez que eles não reproduzem a inteligibilidade da norma heterossexual e binária. Assim, marcados pela abjeção, tanto atraem como horrorizam muitos dos que os cercam, trazendo à tona rejeições e atrações, de forma concomitante.

As personagens Bianchi, Gina, Ana Maria, Joselin e Georgette têm em comum a trajetória dolorosa e de opressão representada nos enredos das narrativas, sendo bastante recorrente que os desfechos sejam trágicos: Bianchi termina solitário, único artista do circo do qual fazia parte; Gina se vê sem saída diante de tanta opressão e decide retornar para sua terra natal; Ana Maria e Georgette morrem, a primeira assassinada, a segunda por suas próprias mãos; e Joselin, é abandonada de uma vez por todos seus familiares.

Ainda com Butler (2013) podemos pensar que a não inteligibilidade dos corpos subversivos leva de fato a um exílio (apesar da autora não utilizar esse termo), a uma exclusão do meio social: “Se certas vidas não se qualificam como vidas, ou, desde o princípio não são concebidas como vida, dentro de certos marcos epistemológicos, então, tais vidas nunca se considerarão vividas ou perdidas no sentido pleno de ambas as palavras.” (BUTLER, 2013, p. 63).

Vidas no exílio e na subalternidade ou experiências de viver no exílio constituem um aspecto muito próximo da experiência da travestilidade, gerando uma nuance de dor, de perda, de lamento e de desagregação que se transforma em matéria fértil para o discurso literário na construção das personagens travestis, recorrentemente moldadas sob um viés realista de sofrimento.

As narrativas que discutimos brevemente constituem uma amostragem de um fenômeno representacional bem mais abrangente da relação entre exílio e personagens travestis na literatura brasileira. É fundamental apontar que a menção a essas obras é praticamente nula na crítica e história literária brasileiras e, portanto, nossa discussão parte de uma postura de resgate e de denúncia dos modos de representação da travestilidade na literatura, trazendo tais personagens, bem como seus/suas criadores/criadoras para um lugar de destaque, retomando a reivindicação de Spivak (1994) da necessidade de escrever histórias alternativas com a contribuição dos grupos não-hegemônicos na cultura, de dar voz e/ou visibilidade aos subalternos.

Dessa forma, notamos que a experiência de exílio, por causa da discriminação frequentemente a ela atrelada, está incrustada na experiência travesti e o exílio na literatura, como afirma Said (2003, p. 46), é uma tristeza que “jamais pode ser superada”. Nesse sentido, as narrativas com protagonistas travestis problematizam essa questão,

promovendo talvez uma sensibilização para o sofrimento desses sujeitos. Vale considerar que tal sofrimento não é inevitável *ad eternum*, já que, se as sociedades tornarem-se mais compassivas, mais abertas ao que não se harmoniza com a norma, com o que desestabiliza a norma, inclusive, especialmente no que se refere a gênero, possivelmente leremos novas narrativas no futuro, nas quais as travestis poderão florescer de forma bem mais positiva, criando um lugar a partir do qual se possa pensar a travesti, literária e socialmente, atrelada a uma maior positividade.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BENEDETTI, Marcos R. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In.: LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo educado** – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 151-172.
- COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FERNANDES, C. E. A. **O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX**. São Paulo: Scortecci, 2015.
- FREIRE, Roberto. “O milagre”. In.: \_\_\_\_\_. **Travesti**. São Paulo: Símbolo, 1978.
- GREEN, James. **Além do carnaval** – homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- KULICK, Don. **Travesti** – prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Trad. Cesar Gordon. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2008.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. A Grande Atração. In.: DAMATA, Gasparino (Org.). **Histórias do amor maldito**. Rio de Janeiro: Record, 1967, p. 202-211.
- MARTINS, Julio César Monteiro. Ruiva [1978]. In.: RUFFATO, Luiz. (Org.) **Entre nós**. Rio de Janeiro: Língua geral, 2007, p. 241-256.
- PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e Desejo** – uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo: FAPESP, 2009.

RIOS, Cassandra. **Uma mulher diferente**. [1965]. São Paulo: Basiliense, 2005.

\_\_\_\_\_. **Georgette**. São Paulo: Record, 1956.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In.: \_\_\_\_\_. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46-60.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Quem reivindica a alteridade? In.: HOLLANDA, Heloisa Buarque. (Org). - **Tendências e impasses** – o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 187-205.

\_\_\_\_\_. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SILVA, A. P. D.. Incursões teóricas sobre o conceito de literatura gay. In.: **SocioPoética** – Vol. 1, Nº 7, 2010.

SILVA, Helio R. S. **Travestis** – entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

**Recebido em 03 de abril de 2016**

**Aceite em 15 de junho de 2016**

#### Como citar este artigo:

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque; SCHNEIDER, Liane. Personagens travestis, exílio e subalternidade na Literatura Brasileira. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 22, jan.-jun. 2016, p 156-171. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num22/dossie/palimpsesto22dossie10.pdf>. Acesso em: dd mmm. aaaa. ISSN: 1809-3507.

---

<sup>i</sup> Apesar de polêmica, estamos empregando essa expressão e outras – literatura *gay*, *lésbica*, *homoerótica*, *homoafetiva* – como forma de agrupar textos literários que centralizam as relações íntimas, afetivas ou o desejo entre pessoas do mesmo sexo. Sobre caracterização da *literatura homoerótica*, ver a discussão promovida por Silva (2010).

<sup>ii</sup> Sabemos que a experiência da travestilidade está ligada a questões tanto de identidade de gênero quanto de orientação sexual, estamos associando as subjetividades transgênero ao homoerotismo pela abrangência desse termo aplicado à diversidade sexual como sugerido por Costa (1992).

<sup>iii</sup> Empregamos o termo Travestilidade, conforme Pelúcio (2009), no lugar de Travestismo, uma vez que o primeiro fornece uma visão pluralizada da experiência travesti, promovendo um olhar mais abrangente e positivo.